

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE

ISABELLA SCALA PEREIRA

OVELHAS COLORIDAS:

Uma história sobre Drag Queens brasileiras

SÃO PAULO

2022

ISABELLA SCALA PEREIRA

VELHAS COLORIDAS:
Uma história sobre Drag Queens brasileiras

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Centro de Comunicação e Letras da Universidade
Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial à
obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

ORIENTADORA: Profa. Denise Cristine Paiero.

São Paulo
2022

Este Trabalho de Conclusão de Curso
não reflete a opinião da
Universidade Presbiteriana Mackenzie.
Seu conteúdo e abordagem são de total
responsabilidade de seu autor.

RESUMO

Existem relatos de pessoas se transvestindo desde os primórdios do teatro na Grécia Antiga, quando mulheres não podiam ser atrizes e as personagens femininas tinham que ser caracterizadas por homens vestidos como mulheres. Porém, foi apenas nos séculos XVIII e XIX que se transvestir começou a mudar e virar o que conhecemos hoje em dia. Atualmente, se transvestir é uma das partes mais importantes de ser uma drag queen. A comunidade tem visto um crescimento intenso por causa da presença de drag queens nas grandes mídias, como em programas de televisão –RuPaul’s Drag Race, Nasce Uma Rainha, Queen of the Universe –, mídias sociais, em boates e outros meios sociais. O presente trabalho tem como objetivo produzir um livro-reportagem fotográfico que usa a Jornada do Herói como fio narrativo sobre a cultura de drag queens no Brasil, apresentando aos leitores as histórias de três personagens principais e relacionar o seu processo de montagem com a teoria da Jornada do Herói. Para a realização da pesquisa, foi necessário estudar sobre a cultura e a história das drag queens, sobre a Jornada do Herói criada por Joseph Campbell e adaptada por Christopher Vogler, e as linguagens de um livro-reportagem fotográfico.

Palavras-chave: Drag Queens, Jornada do Herói, Jornalismo, Livro-Reportagem, Fotografia.

ABSTRACT

There are reports of people crossdressing since the beginning of theatre, when women were not allowed to be actresses and the female characters had to be played by man dressed as women. However, it was only in the XVIII and XIX centuries that crossdressing started changing its meaning and became what we know today. Currently, crossdressing is one of the most important parts of being a drag queen. The community had seen an intense rise because of the presence of drag queens in the main media, like TV shows – RuPaul’s Drag Race, A Queen is Born, Queen of the Universe –, social media, clubs, and other social mediums. The following research has as an objective to produce a photography book-feature that uses the Hero’s Journey as a story line to tell the story of the drag queen culture of Brazil, showcasing the readers the story of three main characters and connect their setting up process with the Hero’s Journey theory. To achieve this research, it was necessary to study about the culture and history of drag queens, the Hero’s Journey created by Joseph Campbell and adapted by Christopher Vogler, and the languages of a photography book-feature.

Keywords: Drag Queens, Hero’s Journey, Journalism, Book-Feature, Photography.

AGRADECIMENTOS

Uma das decisões mais difíceis que eu tive que tomar foi a decisão sobre qual faculdade eu cursaria. Desde que eu era criança, eu sempre fui fascinada por contar, ouvir e criar histórias. Por isso, quando eu estava no colegial, eu decidi que queria ser roteirista. Por um acaso do destino, eu acabei não passando na faculdade de cinema e fui para o cursinho no ano seguinte, onde eu tive que repensar minhas escolhas. Foram diversas opções que eu ponderei até minha mãe me lembrar pelo meu amor pela escrita e me dar a ideia de cursar jornalismo. Eu entrei de cabeça nesse curso, e essa possivelmente foi a melhor decisão que eu já fiz na minha vida. Por isso, o primeiro e mais especial agradecimento vai para a minha mãe, Maria. Se não fosse pelo seu conselho, eu teria uma vida completamente diferente agora.

À Profa. Denise Paiero, minha querida orientadora, eu agradeço o cuidado e os conselhos que você teve comigo nesse último ano. Você é uma profissional incrível, e uma pessoa ainda mais. Você nunca se cansou dos diversos “só mais uma perguntinha, prometo” e sempre continuou me dando os melhores conselhos nos meus piores momentos.

Eu não seria a profissional que eu sou hoje se não fosse pelo corpo docente de jornalismo do Centro de Comunicação e Letras do Mackenzie. Todos os professores que passaram pelo meu caminho me ensinaram lições que eu vou levar pelo resto da minha vida. Também nunca vou me esquecer daqueles professores que além de me ensinarem sobre o jornalismo e a vida, também se tornaram meus amigos. Agradeço de coração completo a todos vocês!

Aos meus amigos e família, eu gostaria de agradecer o constante apoio que eu recebi de vocês durante a minha vida inteira. Vocês me guiaram nos momentos de escuridão e me trouxeram para esse lugar que eu estou hoje.

Finalmente, agradeço a todas os escritores que algum dia criaram uma história e tiveram coragem de contar para o mundo. Eu não estaria aqui hoje se eu não tivesse presenciado a história de vocês.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. REFERENCIAL TEÓRICO	12
1.1 A HISTÓRIA DA CULTURA DRAG QUEEN	12
1.1.1 DRAG QUEENS E SEU PAPEL NA COMUNIDADE LGBTQ+.....	14
1.2 LIVRO-REPORTAGEM	14
1.3 CONSTRUÇÃO DE PERFIS	16
1.3.1 JORNALISMO LITERÁRIO	17
1.4 FOTOJORNALISMO	18
1.5 JORNADA DO HERÓI	19
1.5.1 O MITO	19
1.5.2 OS ESTÁGIOS DA JORNADA DO HERÓI	21
2. DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	21
2.1 PRÉ-PRODUÇÃO	21
2.2 PRODUÇÃO ESCRITA E FOTOGRÁFICA	24
2.3 FINALIZAÇÃO	25
3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	29
APÊNDICE 1	34
APÊNDICE 2	37
APÊNDICE 3	38
APÊNDICE 4	39

Introdução

Este relatório de pesquisa se refere a produção de um livro-reportagem fotográfico, o qual aborda a cultura das drag queens no Brasil, seus obstáculos e adversidades, bem como suas aventuras. O projeto teve como apoio o conceito do Monomito, criado por Joseph Campbell e adaptado por Christopher Vogler.

Como mostrado pelos autores em suas obras (2013; 2015), notamos a presença de personagens humanos que realizam grandes feitos, apesar de suas fraquezas, nas obras literárias. Os primeiros grandes exemplos desses – depois nomeados de Monomito – foram os personagens da Ilíada (séc. IV a.C), de Homero.

A aplicação do conceito nos personagens seguiu a mudança das narrativas literárias para o cinema. Nas narrativas audiovisuais, podemos observar o fenômeno em personagens como Luke Skywalker, em Star Wars (1977), Harry Potter, na franquia do mesmo nome (2001) e Katniss Everdeen em Jogos Vorazes (2012).

Para poder entender essa pesquisa e livro melhor, é necessário saber como se configura uma drag queen. No dicionário Michaelis, drag queen (locução substantiva) está definido como “Homem que se veste de mulher, usando roupas exóticas e maquiagem carregada, como diversão ou trabalho, geralmente em bares e casas de espetáculo, mas também em eventos de rua”. Entretanto, não são apenas homens que podem se montar em drag, como visto no livro-reportagem com a personagem Ginger Moon, que é uma mulher cis e se monta em drag desde 2015.

Em entrevista para o G1 em 6 de outubro de 2017, Jo Fagner, professor da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte e pesquisador sobre relações de gênero, cultura e políticas da sexualidade, explica como a comunidade LGBT utilizou o transformismo em drag queens como uma forma de suavizar o preconceito sofrido.

Os gays, em seus processos históricos de construção de personalidade, sofreram bastante repressão em seus espaços de sociabilidade: família, escola, mercado, relacionamentos amorosos, etc. [...] Em países como os Estados Unidos e o Brasil, muitos gays se organizavam nos circuitos culturais de boates, festas privadas e outros tipos de eventos para brincar com os papéis de gênero. Além de suavizar o peso do estigma em suas concepções de sujeito,

passaram a se tornar importantes espaços de profissionalização, pelo viés da arte (PINHONI; REGADAS; LIMA, 2017, p.Online).

A ideia desta pesquisa sempre foi trazer personagens que se encaixam no conceito de drag e contar as suas histórias. A pergunta-problema que pretendi responder é: como fazer um livro-reportagem fotográfico sobre a cultura de drag queens no Brasil aplicando o fio narrativo dos conceitos do Monomito de Joseph Campbell e Christopher Vogler na construção das personagens?

O meu objetivo principal ao realizar esse trabalho é propor a criação de uma narrativa fotográfica que mostre a gradativa transformação das drag queens em seus respectivos personagens. Conseqüentemente, os objetivos secundários do mesmo seriam entender o que define um herói e do que se trata a Jornada do Herói apresentada por Joseph Campbell e Christopher Vogler; estudar a relação do Monomito e da Jornada do Herói; entrevistar drag queens para entender as suas vivências; analisar, segundo os estudos de Christopher Vogler no livro “A jornada do escritor”, a transformação que as drag queens passam na montagem de seus personagens; identificar os elementos do conceito A Jornada do Herói de Joseph Campbell e Christopher Vogler na narrativa fotográfica que criarei em torno das drag queens.

Dada a complexidade da vida levada pelas drag queens, a escolha do produto de livro-reportagem foi feita pensando em uma forma que eu poderia criar uma narrativa complexa das personagens com texto e elementos visuais – no qual é possível transformá-las em personagens tridimensionais através da escrita narrativa jornalística, para além de demonstrar através das fotografias a montagem das personagens em drag queens.

O relato de acontecimentos via livro-reportagem não surgiu recentemente na literatura brasileira. Por exemplo, em 1902, o jornalista Euclides de Cunha contou a história da Guerra dos Canudos em sua obra “Os Sertões”, o primeiro romance-reportagem da literatura brasileira, como colocado por Patrícia Carvalho em uma postagem no portal online da Universidade Federal do Maranhão.

De acordo com o jornalista e escritor Luiz Felipe Campos, a principal característica do livro-reportagem provém do fato de ser uma narrativa não-ficcional.

"O leitor pensa no livro-reportagem como uma modalidade mais prazerosa de não-ficção, de leitura mais ágil, quando comparado com livros de história, antropologia, sociologia e outras humanidades", conta o autor em uma entrevista para a Companhia Editora de Pernambuco em 2020.

Como este é um livro-reportagem fotográfico, também fui buscar referências sobre fotojornalismo. Para Régis Durand (1998, p. 64), a fotografia faz parte da comunidade das imagens, mas se distingue pela maneira que é feita, sendo pela técnica de produção, pela produtividade, pela ampla capacidade de circulação, e pela apropriação por diferentes grupos sociais. Dessa forma, a fotografia retrata um acontecimento e a inscrição de um sujeito na duração do tempo através de um clique em uma câmera fotográfica.

Dessa forma, ao unir a narrativa jornalística do livro-reportagem com o retrato fotográfico de um acontecimento, a criação de um livro-reportagem fotográfico seria uma maneira interessante em que eu poderia criar narrativas complexas para contar as histórias das drag queens brasileiras.

Como essa pesquisa relaciona o conceito de herói de Campbell e Vogler com a vivência das personagens, primeiro é necessário entender melhor sobre como essa teoria nasceu. De acordo com o Dicionário Michaelis, existem diversas definições para a palavra herói: Semideus (mitologia); homem que era divinizado depois de sua morte (mitologia); homem que se notabiliza por feitos guerreiros ou atos de grande coragem (por extensão); personagem principal de uma obra de ficção, protagonista (por extensão); ídolo (linguagem figurada). Mas o que de fato configura um herói? Joseph Campbell, escritor americano, tinha a mesma dúvida.

Durante sua pesquisa para a escrita do livro "O Herói de Mil Faces" (1989), Campbell descobriu que para ser considerado um herói em narrativas literárias, é necessário seguir uma lista de passos – a aplicação desse conceito ficou conhecida como Monomito.

Christopher Vogler, autor e roteirista americano, usou a estrutura literária criada por Campbell para aplicar o conceito nas narrativas audiovisuais. Em seu livro, "A Jornada do Escritor" (2015), ele usa diversos filmes como base para impor sua concepção da jornada do herói.

Dessa forma, o seguinte trabalho tem como objetivo secundário o estudo do herói para entender o motivo pelo qual um personagem pode ser considerado essencial dentro de uma narrativa.

A aplicação da teoria do Monomito neste trabalho se dá pelo meu interesse em literatura e pelas teorias literárias. Simultaneamente, o tema abordado foi escolhido pelo mesmo motivo. O interesse pelo tema principal se dá pelo meu carinho e curiosidade na vivência autêntica das drag queens. A vivência livre – como percebido nas entrevistas feitas para o livro – pelo papel que a sociedade quer que elas vivam me leva diretamente à pessoa que eu gostaria de ter coragem de ser. Conseqüentemente, como uma jornalista em formação com uma paixão por contar histórias, sinto que posso trazer conhecimento e aprendizado sobre a arte milenar praticada por elas e expor as dificuldades que as drag queens vivenciam por serem consideradas um grupo marginalizado pela sociedade.

Foram diversas etapas para conseguir finalizar o livro e a pesquisa. Para apurar o meu livro-reportagem fotográfico, eu, primeiramente, entrei em contato com drag queens que atuam no Brasil por e-mail ou redes sociais para montar um roster de entrevistadas. Feito isso, marquei as entrevistas para conseguir material para a parte escrita do texto e as fotografias.

O plano inicial consistia em ir a apresentações de drag queens para fotografar o processo de montagem das drag queens. Impossibilitada pela pandemia e pelas restrições de eventos sociais, eu me encontrei com cada uma delas em suas casas para conseguir o material fotográfico.

A parte mais importante do processo de apuração consiste no relacionamento desenvolvido com as fontes. Meu objetivo era me aproximar o máximo possível não somente para criar personagens fiéis e interessantes, mas também para compreender melhor os desafios que elas enfrentam em suas jornadas.

A minha metodologia teórica foi baseada em documentários sobre o assunto, como *The Queen* (1968), de Frank Simon, que conta a história de um espetáculo público (pageant, em inglês) de drag queens em Nova York em 1967, quando a arte drag ainda era ilegal; *Pageant* (2008), de Ron Davis e Stewart Halpern-Fingerhut, sobre cinco participantes da 34^o edição do Miss Gay Americana, o principal drag

pageant dos Estados Unidos; Wigstock: the Movie (1995), de Barry Shils, que mostra o festival Wigstock de 1995 e a apresentação de diversas drag queens que hoje se tornaram ícones na comunidade.

Alguns autores do gênero que eu usei para basear minha pesquisa sobre a peça que escolhi são Alan Marques, autor de “A Máquina de Acelerar o Tempo. Conversas Sobre Fot Jornalismo Contemporâneo” (2016); Jorge Pedro Sousa, autor de “Fot jornalismo: Introdução à História, às Técnicas e a Linguagem de Fotografia na Imprensa” (2004); e, finalmente, Dorrit Harazim, autora de “O instante certo” (2016). Ademais, também usei o livro fotográfico “Drags” (2017) de Gregory Kramer, que representou a personalidade das drag queens através de fotos, tal como eu pretendi fazer.

Ademais, também me baseei em livros que contam a história e os papéis socioculturais que permeiam a arte, tais quais Drag: The Complete Story (2019), de Simon Doonan, que tem como foco a fluidez de gênero e a cultura histórica do transformismo; Drag (2019), de Frank DeCaro, o qual atravessa mais de 200 anos de história sobre drag queens. Cabe lembrar que ambos os livros utilizam a fotografia como material de apoio essencial para a narrativa.

Como resultado, obtive um livro-reportagem fotográfico que conta a história de três personagens do cenário drag da cidade de São Paulo. O livro foi dividido em três capítulos, sendo cada um contando a história de uma personagem com o auxílio de um personagem secundário, além de representações visuais dos momentos citados pelas personagens durante a prosa. Ao final de cada capítulo, é possível ver a criação da Jornada do Herói de cada personagem com uma sessão de fotos que mostra o processo de montagem de cada drag queen.

1. Referencial teórico

1.1 – A história da cultura Drag Queen

Nos primórdios do teatro, ainda na Grécia antiga, apenas homens podiam ser atores e personagens. Por isso, personagens femininas eram caracterizadas por homens vestidos de e maquiados como mulheres. Em seu livro “Drag: The History of Female Impersonating in the Performing Arts” (1995), Roger Baker descreve que

existiam duas frentes em que homens transvestidos faziam papéis femininos: a frente secular – que era utilizada como forma de sátira e muito se assemelha à figura do bufão (AMANAJÁS, 2015, p. 5) – e a frente sagrada – que contava a história das personagens históricas – sendo, naquela época, das tragédias gregas.

A transformação do termo começou a partir dos séculos XVIII e XIX, quando mais mulheres começaram a fazer parte do cenário teatral. De acordo com Igor Amanajás em sua obra “Drag queen: um percurso histórico pela arte dos atores transformistas”, essa transformação ocorreu devido às mudanças de pensamento da sociedade quando o acesso à leitura e ao teatro se tornou mais popular.

Durante a entrada das mulheres no teatro e a criação de papéis intelectuais e tridimensionais para elas, o drag queen teatral acabou perdendo seu espaço e passou a interpretar papéis cada vez mais satíricos, com maquiagens e vestimentas exageradas. As chamadas “damas do teatro” também começaram a se apresentar em clubes chamados “Molly Houses”, onde drag queens se encontravam – montadas com a moda da época – para se comportarem como mulheres. (AMANAJÁS, 2015, p. 12)

Foi com o surgimento da cultura pop dos anos 1960 que o conceito de drag queen começou a se estabilizar. Com a chegada da televisão, o espaço teatral foi reestruturado e as damas do teatro perderam seu espaço e migraram para os clubes noturnos. Lá, as novas drags começaram a se vestir e montar apresentações sobre os ícones da música e cinema da época. Nos anos 1990, essa arte começou a ser valorizada pela grande sociedade com a estreia do filme “Priscilla, a Rainha do Deserto”.

O cenário brasileiro da arte não se difere grandemente do internacional. O Brasil também seguiu, e ainda segue, com atores homens vestidos de mulher fazendo papéis cômicos no cinema e no teatro. Um exemplo disso é a trilogia “Minha Mãe é uma Peça”, que arrecadou mais de \$21 milhões de dólares em box office.

Com a ditadura, as drag queens, juntamente com o resto da comunidade LGBTQIA+, perdeu espaço. Em meados de 1960, o tema homossexualidade – que se relaciona intrinsecamente com o conceito de drag queens – começou a ser discutido

discretamente nos jornais anarquistas contrários à ditadura. Foi apenas em 1990 que as drags voltaram a tomar seu lugar.

1.1.1 – Drag queens e seu papel na comunidade LGBTQIA+.

Um equívoco comum – talvez grave, já que vivemos na era da informação e temos fácil acesso a ferramentas de pesquisa, capacitando-nos a sanar tais dúvidas – é colocar drag queens e travestis na mesma categoria. A causa disso, como colocado por Amanajás (2015, p.3), é a reorganização da concepção de identidade sexual, causada pela crescente mudança da sociedade em relação aos direitos humanos e cívicos da comunidade LGBTQIA+.

Assim, muitos pensam que drag queen é uma identidade de gênero. Por mais que muitas vezes o cenário LGBTQIA+ e o cenário de drag queens se intercalem, é errado afirmar que eles são dependentes um do outro, sendo possível existir, por exemplo, uma drag queen cisgênero e heterossexual. Outro equívoco comum é confundir identidade de gênero com sexualidade, ou até mesmo juntar os dois termos e achar que eles são codependentes.

Gênero com o qual uma pessoa se identifica, que pode ou não concordar com o gênero que lhe foi atribuído quando de seu nascimento. Diferente da sexualidade da pessoa. Identidade de gênero e orientação sexual são dimensões diferentes e que não se confundem. Pessoas transexuais podem ser heterossexuais, lésbicas, gays ou bissexuais, tanto quanto as pessoas cisgênero (JESUS, 2012, p.14 apud AMANAJÁS, 2015, p.2).

Ser drag queen é ser um “artista que se veste, de maneira estereotipada, conforme o gênero masculino ou feminino, para fins artísticos ou de entretenimento” (JESUS, 2012, p.10 apud AMANAJÁS, 2015, p.3). Dessa forma, a personagem criada pelas drag queens não tem relação com sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Para Amanajás (2015, p.4), ser drag queen não se trata de como o indivíduo se sente em relação a sua própria percepção, e sim o que o indivíduo faz como expressão artística.

1.2 – Livro-reportagem

Uma das crias do jornalismo com a literatura foi o livro-reportagem, formato no qual o repórter consegue juntar elementos de seus dois pais criadores.

O jornalismo é o império dos fatos, a literatura é o jardim da imaginação. Na metáfora do império estão contidas as idéias de força, domínio e amplidão de territórios, que contrastam com a fragilidade e a sacralidade da arte de cultivar as flores da linguagem no jardim da imaginação. (COSSON, 2002, p.58 apud OLIVEIRA, 2006, p.1)

Antes da década de 1930, quando o jornalismo que conhecemos começou a se estabilizar, era notável a presença de recursos literários para compor sua imagem de campo específico. Antes, os jornais eram utilizados para levar a literatura aos leitores, a fim de entretê-los. Com a inserção do jornalismo na cultura mercadológica, os jornais começaram a vender histórias (OLIVEIRA, 2006, p.2).

Há quem diga que jornalismo e literatura são duas cosmovisões diferentes e que essa discussão é como querer misturar água e óleo. Se for, pergunto, quem é a água e quem é o óleo? Não vejo por que uma não pode recorrer aos recursos e cosmovisões da outra como forma de investigar, observar e desvendar o mundo e o homem. Não vejo por que não podemos fazer uma crítica às fronteiras que separam o jornalismo da literatura, quando o próprio Alceu de Amoroso Lima escreveu que o jornalismo não passa de um gênero a mais da literatura. E que belo gênero, diga-se! (CASTRO, 2010, p.8).

Dessa forma, o jornalismo e a escrita estariam intrinsecamente ligados, já que ambos têm relacionamentos próximos com o mundo, com a palavra, com a objetividade e a subjetividade. A única diferença seria, talvez, a maneira com a qual a palavra é colocada no papel e a é história narrada.

Tal hibridismo, como observado por Sérgio Caparelli, é visto no livro-reportagem. Com os campos literários se complementando, acontece a intrusão dos espaços, que acabam sendo ligados pela narrativa de um objeto factual (CAPARELLI, 1996, p.175 apud OLIVEIRA, 2006).

Segundo Edvaldo Pereira Lima, jornalista, pesquisador e escritor renomado, o livro-reportagem é diferente da literatura e de outras publicações jornalísticas ao se aprofundar em três aspectos da narrativa: “quanto ao conteúdo, pois trata de assunto em que a veracidade é fundamental; quanto ao tratamento: linguagem, montagem e edição de texto e quanto à função: informar, orientar e explicar” (1995, p.30)

Ainda sobre a narrativa do livro-reportagem, Felipe Rodrigues discorre:

O livro-reportagem estende a função do jornalismo convencional, comprometido com uma linha de produção de ritmo industrial e interesses mercadológicos e políticos. Com uma autonomia maior, o autor pode escolher a abordagem que considera ideal e, assim, conduzir os acontecimentos da maneira que julgar correta. O livro-reportagem pode conter temas que abordem um universo maior de fatos, com condições de produção que propiciem um tratamento textual que sirva de elo entre leitor e mundo, além de contextualizar o tema (RODRIGUES, 2010, p.12)

Outra distinção entre o livro-reportagem e outras narrativas literárias é pelo modo que o livro-reportagem seria a peça como objeto, isto é, o formato em que a peça se materializa. Em comparação, o jornalismo literário seria uma ferramenta de amparo para a narração da peça.

1.3 – Construção de perfis

Sérgio Vilas Boas, renomado jornalista e autor, discorre sobre a construção de perfis em seu livro “Perfis e como escrevê-los”. Em um de seus ensaios, o autor afirma que, em termos jornalísticos, não existe criação de perfil que não seja humano. “Mas, para mim, jornalisticamente falando, não existe perfil de cidade, perfil de bairro, perfil de edifício, perfil de uma época, perfil de um grupo, perfil de um cão” (2014, p.271-287). O autor explica que, por mais marcantes que sejam as culturas de lugares, animais e grupos, eles nada verbalizam por si mesmos. Dessa forma, o perfil desses exemplos seria o resultado da soma das interpretações, versões, percepções humanas.

Cada ser humano tem um perfil, assim como cada perfil só pode ser sobre um ser humano. Se a individualidade fosse banida do mundo e os humanos não passassem de robôs programáveis, sem estilo nem identidade, o texto do tipo perfil simplesmente não existiria. O perfil expressa a vida em seu contexto. Atém-se à individualidade, mas não se restringe ao individualismo anedótico, folclórico, idiossincrático (VILAS BOAS, 2014, p.271-287).

Para o autor, no jornalismo literário, o texto-perfil mantém sua relevância pela durabilidade e narratividade. “Mesmo que meses ou anos depois da publicação o protagonista tenha mudado suas opções, conceitos, atitudes e estilos de vida, o texto pode continuar despertando interesses” (2014, p.271-287). Sobre a narratividade, ele ainda discorre que ela é expressa em forma de estruturações bem calculadas e escrita reflexiva.

Sobre o processo de construção de perfil, o autor afirma que é necessário pesquisar, conversar, movimentar, observar e refletir. Ele ainda dá dicas e diz que você pode adentrar nos contextos socioculturais da personagem e conversar não só com ela, como também quem vive em seu ciclo social. “Movimentar-se com ela por locais diversos; tem de observar as linguagens verbais e não verbais” (2014, p.271-287).

Ademais, como jornalistas, devemos saber diferenciar o texto-perfil das entrevistas pingue-pongue. O autor coloca em sua narrativa que quem ficar paralisado diante da personagem e continuar bombardeando-o com questões irrespondíveis deveria reavaliar seus métodos.

Os perfis elucidam, indagam, apreciam a vida num dado instante, e são mais atraentes quando atizam reflexões sobre aspectos universais da existência, como vitória, derrota, expectativa, frustração, amizade, solidariedade, coragem, separação, etc (VILAS BOAS, 2014, p.271-287).

Dessa forma, de acordo com Vilas Boas, para conseguir atingir o objetivo do texto-perfil – que é gerar empatia no leitor – é necessário não só conseguir humanizar sua personagem, como também fugir do maniqueísmo e evitar o ideal da perfeição. “Uma pessoa não é isto ou aquilo. Ela é isto, aquilo, aquilo outro e mais um milhão de istos e aqueles totalmente imprevistos” (2014, p.271-287).

1.3.1 – Jornalismo literário

O ato narrativo – seja sua forma oral, escrita ou visual – está presente em diversas formas de cultura, como mitos, lendas, cinema, fábulas, televisão, teatro, pintura, jornalismo, além do óbvio, que é a conversação.

A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há em parte algum povo algum sem narrativas; todas as classes, todos grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de culturas diferentes, e mesmo opostas (BARTHES, 1971, p.19)

Analisando a fala de Barthes, concluímos que o ato narrativo é uma parte indispensável da vivência humana. É através dele, e talvez apenas ele, que a humanidade consegue recontar sua história e manter culturas e tradições vivas séculos após elas terem sido criadas.

De acordo com Castro (2010, p.5), o jornalismo literário é “a conjunção de conhecimentos, saberes, *savoir-faire*, técnicas e estilos desenvolvidos pela literatura que podem (e devem) estar a serviço das rotinas de produção jornalísticas”. Por isso, o gênero narrativo do jornalismo não deve excluir nenhum recurso metodológico ou narrativo – sendo eles diálogos, perfis, contos, cordéis, entrevistas, poesias, relatos na primeira pessoa, ou qualquer outra forma de narração, desde que seja usada com talento, engenho e bom senso (CASTRO, 2010, p.5).

Há quem diga que jornalismo e literatura são duas cosmovisões diferentes e que essa discussão é como querer misturar água e óleo. Se for, pergunto, quem é a água e quem é o óleo? Não vejo porque uma não pode recorrer aos recursos e cosmovisões da outra como forma de investigar, observar e desvendar o mundo e o homem. Não vejo por que não podemos fazer uma crítica às fronteiras que separam o jornalismo da literatura, quando o próprio Alceu de Amoroso Lima escreveu que o jornalismo não passa de um gênero a mais da literatura. E que belo gênero, diga-se! (CASTRO, 2010, p.8).

Dessa forma, o jornalismo e a escrita estariam intrinsecamente ligados, já que ambos têm relacionamentos próximos com o mundo, com a palavra, com a objetividade e subjetividade. A única diferença sendo, talvez, a maneira pela qual a palavra é colocada no papel e a história narrada.

1.4 – Fotojornalismo

Para Helouise Costa (1992, p.70), a fotorreportagem constitui-se numa forma jornalística historicamente determinada, tendo como origem a imprensa alemã entre o final da década de 1920 e início da década de 1930. Com outra forma de ilustração do acontecimento, o texto cria um relacionamento com a imagem.

Jorge Pedro Sousa 2004 discorre que para podermos utilizar o fotojornalismo é necessário entender a linguagem fotográfica dentro do jornalismo. Para isso, precisamos estudar dois tópicos: texto e foto. Dentro do tópico da foto, é necessário estudar diversos subtópicos, como enquadramento, planos e composição, o foco da atenção, relação figura-fundo, equilíbrio e desequilíbrio, elementos morfológicos, profundidade de campo, movimento, iluminação, semelhança e contraste de conteúdos e relação espaço-tempo.

Para o autor, não existe fotojornalismo sem texto (p.76). Ele dá o exemplo de uma fotografia de guerra que, sem o texto, vale apenas como símbolo qualquer de guerra, mas, com texto, representa o indício da guerra em particular que representa. Além disso, o texto também serve para chamar a atenção para a fotografia e seus elementos, bem como para complementar a fotografia informativamente, ancorar o significado da fotografia, analisar, interpretar ou comentar a fotografia (p.77).

Durante o exercício da atividade do jornalismo – sendo todas as divisões feitas do jornalismo, não apenas no fotojornalismo –, devemos tomar cuidado com a forma da qual tratamos do Outro – considerado o contrário do comportamento “normal”, sendo assim, o comportamento dentro dos parâmetros aceitáveis pela sociedade (CHIODETTO, 2010, p.9).

Quando entrevistamos e fotografamos o Outro, julgando-o exótico e estranho aos nossos preceitos, corremos o risco de ressaltar, no verbo e na imagem, os atributos que nos diferenciam dele: uma forma de não entender a complexidade do outro, de não ter profundidade nesta prospecção, mas apenas de reforçar a diferença tendo-nos como referencial. Salientar a diferença do Outro oculta, na verdade, a suposição de que o “eu” é o padrão da normalidade, a referência a partir da qual o mundo e as pessoas devem ser interpretados (CHIODETTO, 2010, p.9)

Dessa forma, determinados grupos culturais entendem que a visão do mundo deles é hegemônica, e, a partir disso, criam e adotam ideologias que estabelecem condutas de convivência a partir de seus interesses.

Ainda seguindo Chiodetto (2010, p.14), a maneira como um fotojornalista constrói a narrativa, levando em consideração os preceitos editoriais de seu veículo, pode embutir uma trama ideológica, cultural e política que acaba espelhando o jogo de poder a hierarquia da sociedade a partir de pressupostos preconceituosos, o que resulta em assimetrias na forma de representar algumas classes e indivíduos. Assim, ao atuar como fotojornalistas, devemos nos atentar à forma pela qual retratamos grupos oprimidos, para que possamos utilizar o fotojornalismo como uma ferramenta de redução do preconceito.

Um fotojornalista que eu irei me inspirar para a realização deste trabalho é Paulo Vitale, fotógrafo que foi editor de fotografias das revistas *Veja* e *Época*, além de ser correspondente da Agência Estado em Nova York. Recentemente, Paulo teve uma mostra de fotografia chamada “Duo Drag”, sobre drag queens, adiada por conta da decisão judicial que determinou a suspensão das atividades do Museu da Diversidade Sexual, onde a exposição aconteceria.

1.5 – Jornada do Herói

A Jornada do Herói é o conceito sobre a jornada cíclica presente nos mitos criados por Joseph Campbell e abordado pela primeira vez no livro “O herói de mil faces” (1949), onde o autor discorre sobre a mitologia e personagens presentes que ele chama de “heróis”.

1.5.1 – O mito

Em “O poder do mito” (2014), Joseph Campbell se juntou ao jornalista Bill Moyers e, em uma série de conversas, eles tratam de mitos históricos, da figura do herói e sua jornada. De acordo com Campbell (2014), os mitos auxiliam o ser humano

a procurar uma experiência de vida: “Eles [os mitos] ensinam que você pode se voltar para dentro, e você começa a captar a mensagem dos símbolos” (2009, p.6).

Por mais que as culturas se diversifiquem, as estruturas mitológicas são universais. Campbell discorre que “é como se a mesma peça fosse levada de um lugar a outro, e em cada lugar os atores locais vestissem costumes locais e encenassem a mesma velha peça” (2014, p.40). Dessa forma, o que acontece é uma adaptação entre as culturas, com alguns elementos específicos modificados, mas não a ordem dos acontecimentos. Assim, a jornada do herói surgiu.

Para Campbell, o mito é uma “história sobre deuses”. Porém, o que é um Deus?

O autor descreve que “um deus é a personificação de um poder motivador ou de um sistema de valores que funciona para vida humana e para o universo” (2014, p.24). Campbell ainda acrescenta que existem dois tipos de mitologia: o primeiro sendo a mitologia que conecta o indivíduo com uma sociedade restrita; e o segundo, sendo a mitologia que o indivíduo faz parte, relacionando-se com a sua própria natureza.

Ao fazer essas análises, Campbell percebe que todas as histórias têm um personagem que é central para o desenrolar da trama para alcançar o seu objetivo final – essa figura é o herói. O autor descreve o herói como aquele que “descobriu ou realizou alguma coisa além do nível normal de realizações ou de experiência (...) é alguém que deu a própria vida por algo maior que ele mesmo” (2014, p.131).

Assim como Joseph Campbell, Christopher Vogler, autor e roteirista, também estudou a jornada do herói. Em seu livro “A jornada do escritor: estrutura mítica para escritores” (2015), Vogler conta um pouco mais sobre seus pensamentos em relação à jornada do herói.

O padrão da Jornada do Herói é universal, recorrente em todas as culturas e em todas as épocas. Com a evolução humana, ele é infinitamente variável e, ainda assim, sua forma básica permanece constante. A Jornada do Herói é um conjunto incrivelmente tenaz de elementos que brota incessantemente dos rincões mais profundos da mente humana; diferente em detalhes para cada cultura, mas fundamentalmente o mesmo (VOGLER, 2015, p.42)

De acordo com Vogler e Campbell, para que o herói consiga chegar ao fim de sua história é necessário que ele passe por 12 passos, sendo eles: 1) Mundo Comum, 2) Chamado à Aventura, 3) Recusa ao Chamado, 4) Encontro com o Mentor, 5) Travessia do Primeiro Limiar, 6) Testes, Aliados, Inimigos, 7) Aproximação da

Caverna Secreta, 8) Provação, 9) Recompensa (Empunhando a espada), 10) O Caminho de Volta, 11) Ressurreição e 12) Retorno com o Elixir.

1.5.2 – Os estágios da Jornada do Herói

Em seu livro, Christopher Vogler descreve a jornada do herói como “um herói abandona seu ambiente confortável e comum para se aventurar em um mundo desafiador e desconhecido” (VOGLER, 2015, p.45).

Como o modelo imposto por Vogler (2015) possui menos estágios que o de Campbell – sendo 12 estágios¹ em comparação com os 19 estágios de Campbell – esse será o modelo utilizado para a análise deste trabalho.

2. Desenvolvimento da peça

2.1. Pré-produção

Tendo em vista as adversidades enfrentadas pelas drag queens citadas no item 1.1.1. do referencial teórico e na contextualização, a criação deste trabalho para representar tais obstáculos enfrentados – não apenas na arte, mas em suas vidas pessoais, algo que esse livro-reportagem busca abordar com os recortes sociais – seria de grande utilidade para propagar a beleza da arte e auxiliar a enfrentar os preconceitos.

Para a realização de um livro-reportagem sobre a vivência de drag queens, foi estritamente necessário entrevistar diversos personagens, focando com em recortes sociais diferentes para conseguir abordar diversas vivências. Para o desenvolvimento da peça, eu realizei uma pesquisa sobre o tema e as modalidades jornalísticas utilizadas no meu trabalho, além de praticar uma observação do espaço em que os personagens se encontravam durante a sua montagem, e de entrevistar, fotografar, escrever o texto e realizar a diagramação do produto final.

Com o objetivo de conseguir criar o perfil dos personagens e conseguir uma descrição dos ambientes em que cada um se encontrava, realizei uma observação participativa durante as minhas visitas em suas casas.

Para conseguir criar os perfis e escrever um texto digno de jornalismo literário, eu me inspirei em autores como Sérgio Vilas Boas (2003), Edvaldo Pereira Lima (1995) e Chico Felitti (2017). Uma das minhas maiores inspirações para o criar a prosa

¹ A descrição dos 12 estágios pode ser encontrada no Apêndice 1.

foi texto “Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece” que Chico Felitti escreveu para o Buzzfeed sobre o personagem homônimo.

Sobre os três autores que eu estudei para construir o texto do livro, eu apliquei os conceitos de Vilas Boas para criar os perfis das personagens de cada capítulo, usando as teorias dele de como criar um perfil – pesquisando, conversando, movimentando, observando e refletindo – para conseguir atingir o objetivo de gerar empatia no leitor. Os conceitos de Lima foram utilizados na estruturação do livro-reportagem ao aprender como me estruturar nos três aspectos da narrativa. Eu me inspirei nas obras de Felitti, especialmente a mencionada acima, para a estrutura definitiva da narrativa, misturando elementos do presente e do passado ao criar o texto. Sobre as fotografias do livro-reportagem, eu me inspirei no estilo fotográfico de retratos de Paulo Vitale, que pode ser observado nas fotos de montagem das personagens ao final de cada capítulo.

Encontrei todas as personagens do livro-reportagem pelas redes sociais e entrei em contato com elas por e-mail. A cada 10 drag queens eu enviava mensagens, apenas uma respondia. Dessa forma, fiz entrevistas com três drag queens que iriam compor as personagens do livro: Abba Cashier, Imani Obaya, Ginger Moon. Além disso, entrevistei uma fonte secundária da vida de cada drag queen para conseguir uma análise mais profunda e conseguir criar um perfil mais completo de suas vidas.

Abba Cashier é a SHE-E-O² do perfil DragAtividades, uma comunidade online para dragholics – como Abba define os fãs de Drag. Nascida no Reino Unido, Abba reside em SP e faz parte do podcast Dragnóstico, que analisa drag queens juntamente com a psicóloga Duda Leão Luiz e a psiquiatra Mary Poppers, ambas drag queens. O personagem secundário desse capítulo é Fernando Mola, amigo de longa data de Abba Cashier.

Imani Obaya é uma drag queen paulistana que nasceu e cresceu no centro de São Paulo, algo que conta muito em sua personagem. Como uma pessoa negra, Imani utiliza inspirações de passistas de bateria do Carnaval em sua montagem. O personagem secundário desse capítulo é Paulo, namorado de Imani há 11 anos.

Ginger Moon é uma mulher cis que faz drag. Ela enfrenta os preconceitos de gênero e etnia diariamente em sua drag por ser mulher e descendente de asiáticos.

² Brincadeira linguística que ela faz com o termo CEO, que significa Chief Executive Officer, ou seja, o líder de uma empresa.

Ela participou do reality show *Nasce Uma Rainha* da Netflix e conseguiu atingir patamares altíssimos em sua carreira. A personagem secundária deste capítulo é Abba Cashier, amiga de longa data e irmã drag de Ginger Moon.

Como colocado no tópico 1.3. do referencial teórico, essa peça utilizou a fotografia como ferramenta de redução de preconceito. Dessa forma, para a realização da peça, fez-se necessária a utilização de uma máquina fotográfica, lentes fotográficas e, quando necessário, um tripé. Como a fotografia profissional é um hobby familiar, todos os equipamentos já se encontravam sob minha responsabilidade. Para poder utilizar as imagens feitas durante o processo de criação da peça, foi necessário providenciar um termo de cessão de direitos para uso de imagem e voz para cada fonte.

Ainda sobre o tópico 1.3 do referencial teórico, a maneira como um fotojornalista trata da figura do Outro é essencial para o uso do jornalismo como ferramenta de redução de preconceito. É seguindo essa linha, e utilizando o livro fotográfico “Drags” (2017) de Gregory Kramer como apoio, que inclui o jornalismo na narrativa ao criar o meu livro-reportagem fotográfico sobre a cultura de drag queens no Brasil.

As fotografias do livro-reportagem procuraram mostrar o processo de montagem das drag queens. Para isso, marquei de me encontrar com cada uma em suas casas para que eu pudesse fotografar o processo. Em média, cada montagem levou cerca de quatro horas desde o início da maquiagem até a finalização da peruca e figurinos. Foram mais de 200 fotos de cada drag queen. Como o objetivo das fotos foi retratar o processo de montagem, não houve a necessidade de montar um cenário específico.

O ponto principal de cada capítulo é a criação de um perfil – através das entrevistas feitas previamente. A aplicação dos conceitos de Joseph Campbell e Christopher Vogler sobre a Jornada do Herói, mencionados no tópico 1.4.1 do referencial teórico, também será feita a partir dessas mesmas entrevistas. O uso desses conceitos foi feito de maneira em que os 12 passos criados por Christopher Vogler fossem representados pelas fotos e textos presentes em cada capítulo, podendo reconhecer os passos do mito na transformação das personagens. Assim, os 12 passos serão tão parte da transformação da personagem quanto a maquiagem e peruca que elas usam.

Paralelamente, enquanto o perfil de cada capítulo é construído através das entrevistas, um retrato do processo de montagem das drag queens será feito através de fotografias. A ideia era iniciar cada capítulo com uma foto da drag queen vestida normalmente e sem maquiagem, e terminar o capítulo com uma foto dela completamente montada com maquiagem, peruca e roupas que caracterizem sua personagem.

Levando em consideração o interesse crescente no assunto, acredito que seja de interesse público que seja feita a publicação da peça finalizada.

O público-alvo da minha peça inicia com jovens pré-adolescentes. Com o crescimento do movimento de orgulho LGBTQIA+ e a desconstrução de pensamentos preconceituosos provenientes de outras gerações, não será necessário ter um limite de idade para o público-alvo da peça. O único corte de idade seria feito para as idades que antecedem a pré-adolescência, já que a peça visa tratar de assuntos que podem ser considerados inadequados para esse público – como homofobia e agressões provenientes desse preconceito –, já que contêm violência, seja ela física ou verbal. A única partilha de público-alvo seria as idades, já que não seria necessária a divisão por gênero, classe social ou raça, uma vez que tais públicos não diferem o interesse pela peça.

A ideia inicial era publicar o livro-reportagem fotográfico na plataforma de livros da Amazon, onde não há necessidade de intermédio por uma editora. Após isso, estudarei a possibilidade de publicar o livro fisicamente através de alguma editora brasileira. Atualmente, a Editora Rico é uma editora que investe em publicações de cunho LGBTQIA+, e como minha peça tem relação direta com a causa, acredito que essa seja a editora que mais se interessaria pela mesma.

2.2. Produção escrita e fotográfica

Desde criança sempre fui muito interessada pela escrita. Isso não mudou quando entrei na graduação, sendo a produção de textos a minha parte favorita do jornalismo. Como tive a intenção de escrever um livro-reportagem que contava a história de certas personagens, o elemento principal que eu precisei foi encontrar as personagens e criar os seus perfis. Para isso, utilizei técnicas que aprendi durante a minha graduação, além de outras dicas pelos autores que utilizei para me basear.

Sérgio Vilas Boas descreve, na página 15 de seu livro “Perfis: E como escrevê-los”, que não é possível aproveitar todo o conteúdo adquirido nas entrevistas. Isso se

provou real para mim em todos os capítulos que escrevi, ao ter que cortar elementos que julguei não fazer sentido com o resto do texto, podendo até mesmo pesar a prosa – como, por exemplo, descrições de situações de preconceitos que as drag queens enfrentaram.

Mesmo com a minha experiência, técnicas de autores e auxílio da minha orientadora, foi difícil encontrar um estilo de escrita que me agradasse. Inicialmente, tive dificuldade de conciliar o passado e o presente das personagens, além de ter tido grande dificuldade em colocar os relatos de personagens secundários dentro do texto.

Quanto às fotografias, eu percebi que seria basicamente impossível escrever sobre drag queens sem trazer a questão visual, já que a aparência das personagens é uma grande parte de cada drag queen. Para isso, decidi mostrar a transformação da normalidade da personagem fora da drag até o momento que ela completa a sua transformação. Paralelamente, eu apliquei a teoria da Jornada do Herói nessas fotografias, colocando duas fotos para cada etapa da jornada.

Depois de ter me encontrado na casa de cada entrevistada e ter tirado as fotos, eu utilizei o software Lightroom da Adobe para tratar de cada foto. Dentro do aplicativo, eu coloquei uma predefinição criada por mim para dar personalidade e harmonizar as cores de cada foto. Eu apliquei a mesma predefinição em todas as fotos de cada capítulo.

Além das fotos tiradas por mim, percebi que seria difícil falar dos eventos mencionados no texto sem ter o apoio visual de fotos desses eventos. Por isso, entrei em contato com as personagens e pedi que elas cedessem fotos específicas para ilustrá-los.

2.3. Finalização

Com relação aos aspectos técnicos da peça, o livro-reportagem fotográfico foi dividido em três capítulos, com cada capítulo recebendo como título o nome da drag queen que ilustra a história.

Uma capista profissional foi contratada para fazer a capa. Durante o processo de contratação, foi expressa a essência do trabalho. Além disso, também foram compartilhadas fotos das personagens para ilustrar a capa, já que elas são a essência desse trabalho. As cores utilizadas foram escolhidas pensando na personalidade de cada drag queen e do trabalho final.

A organização e nomeação de cada intertítulo dentro dos capítulos foi pensada em relação aos eventos contados dentro daquele intertítulo.

Além de ter utilizado as imagens cedidas pelos entrevistados para ilustrar os eventos citados no texto, elas também foram uma maneira de quebrar o texto para facilitar a leitura e dar pausas no texto. A fonte utilizada no texto, Times New Roman, também foi pensada em prol de facilitar a leitura. Já as fontes utilizadas durante a diagramação foram Atlane – para o sumário, páginas de título e páginas de início de capítulo –, e Timberline – para o texto em cima das fotografias ao final de cada capítulo.

3. Considerações Finais

Durante os meus quatro anos de graduação, foram poucos trabalhos realizados completamente sozinha. A realização dessa peça e seu relatório não foram procedimentos exatamente novos, mas sim os mais desafiadores. Além disso, como o curso de jornalismo no Mackenzie tem uma abordagem mais “mão na massa”, pesquisas bibliográficas eram coisas que raramente fazíamos, visando focar nos procedimentos práticos.

Por mais desafiador que tenha sido pesquisar e escrever um livro completamente sozinha, acredito que eu tenha tido sucesso em cumprir os objetivos secundários e primários citados na Introdução. Entre as tarefas que tive que cumprir neste processo, essas duas foram as mais fáceis por ter pensado nelas com cuidado e ter as estabelecido bem antes do início prático da peça.

Outro fator essencial para o cumprimento da peça foi a resolução da pergunta-problema. Sem ela, eu não teria como lembrar para quem eu escrevia e eu não teria conseguido descobrir o público-alvo da minha peça. Como tenho afinidade com o tema desde meados da minha adolescência, foi fácil conseguir falar sobre drag queens. Porém, para conseguir resolver a pergunta-problema da melhor forma, eu tive que conseguir escrever sobre o tema de maneira que uma pessoa leiga consiga desfrutar tanto quanto uma pessoa profissional. Por isso, decidi colocar um glossário no final da obra para que possíveis dúvidas sobre termos e temas retratados no texto fossem resolvidas. Além disso, acredito que consegui responder a porção da pergunta-problema sobre a jornada do herói ao fazer as sessões de fotos com cada drag queen mostrando o seu processo de montagem, de início até o fim.

Sobre a metodologia utilizada no decorrer da peça, a parte que eu mais gostei de fazer foram as entrevistas e as fotos. Durante o processo de entrevistas, eu criei um roteiro com perguntas a serem abordadas para a criação do texto. Porém, eu consegui criar uma relação com as entrevistadas com tanta naturalidade que tive facilidade de ir adicionando mais perguntas e atingir mais profundidade nas entrevistas.

Quando comecei a pensar nos assuntos do meu trabalho no início do sexto semestre, eu acreditei que por ter escolhido um tema com o qual eu tinha uma maior finalidade significaria que eu teria tido menos dificuldade no desenvolvimento da peça. Isso foi longe de ser verdade.

Enfrentei vários contratempos nesse período. As maiores dificuldades que encontrei no processo foram encontrar fontes, marcar entrevistas e me encontrar com as fontes para fazer as entrevistas no meio de uma pandemia. Além disso, dificuldades na minha vida pessoal tornaram o processo mais difícil e me fizeram tomar decisões para conseguir deixar o trabalho harmonioso. Tive muitas dificuldades pessoais em relação à minha ansiedade e depressão durante o desenvolvimento do trabalho. Tive ataques de ansiedade frequentes que me impediram de me manter no cronograma que eu tinha planejado e acabaram me atrasando um pouco. Também passei por um processo de autoconhecimento e decidi sair do meu estágio por perceber que eu não estava na carreira que desejo para o meu futuro. Como fiquei sem trabalhar no meu último semestre da faculdade, consegui correr contra o tempo e acabar o trabalho dentro do previsto no meu cronograma original.

Durante os meus quatro anos de graduação, eu perdi um pouco da paixão que eu tinha pelo jornalismo. Porém, ao realizar esse trabalho, percebi que não tinha perdido a paixão, e sim saído da fase “lua de mel”. Meu amor pelo jornalismo continua o mesmo, se não maior.

A poucos meses de me formar, eu continuo incerta sobre o meu futuro na profissão. Por mais que esse trabalho tenha me ajudado a perceber que eu ainda ame o trabalho jornalístico, ele também me mostrou que a escrita é a minha paixão maior. Em certos momentos, penso muito em ir para a área de escrita ficcional, mas, ao mesmo tempo, tenho vontade de continuar nesse ramo ao lembrar das alegrias que contar a história de pessoas reais nesse livro-reportagem me trouxeram. Penso em fazer outros livros contando histórias de mais drag queens e figuras que recebem

pouca atenção da mídia tradicional. De um jeito ou de outro, acredito que vocês ainda lerão mais das minhas obras.

Bibliografia

AMANAJÁS, Igor. **DRAG QUEEN: UM PERCURSO HISTÓRICO PELA ARTE DOS ATORES TRANSFORMISTAS.** Disponível em:

<https://www.belasartes.br/revistabelasartes/downloads/artigos/16/drag-queen-um-percurso-historico-pela-artedos-atores-transformistas.pdf>. Acesso em: 24 fev. 2021.

BAKER, Roger. **Drag: The History of Female Impersonating in the Performing Arts.** Nova York: Nyu Press, 1994.

BARTHES, Roland; GREIMAS, A.J.; BREMOND, Claude; ECO, Umberto; GRITTI, Jules; MORIN, Violette; METZ, Christian; TODOROV, Tzvetan; GENETTE, Gérard. **Análise estrutural da narrativa.** Petrópolis: Editora Vozes, 1971. Disponível em: <https://teoriadaliteraturaifb.files.wordpress.com/2014/07/texto-01-analise-estrutural-da-narrativa-roland-barthes.pdf>. Acesso em: 08 abr. 2021.

BOAS, Sérgio Vilas. **Perfis: E como escrevê-los.** São Paulo: Summus Editorial, 2003.

CAMPBELL, Joseph. **O Herói de Mil Faces.** São Paulo: Pensamento, 1989.

CAMPBELL, Joseph. **As Transformações do Mito Através do Tempo.** 4. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

CAMPBELL, Joseph; MOYERS, Bill. **O poder do mito.** 30. ed. São Paulo: Palas Athena, 2014.

CASTRO, Gustavo. **Jornalismo literário: uma introdução.** Brasília: Casa das Musas, 2010. Disponível em:

https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/61111860/Jornalismo_Literario20191103-3382-t1qllp.pdf?1572797619=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DGustavo_Castro_Jornalismo_Literario_uma.pdf&Expires=1618011857&Signature=Lvy1rU2ECZk9p16oUYuwTWFaAEL7Y18Zt3F-AKiNTjrOZ0g1mh819pnml-qaDs9RUVL7xzP4BKTvDIhxOFcvauz8RddiP-hXVIIIsHITb7-f-

aBttLftpqMVSoqLIYzRnQ3j3YcvDQW~KlhjYyAeUBT2rf32Eyp~wny1kCZeR14ElejYN
PXlpqVOCJehKXwYkQFkrzmq55dfPDQs33DZznNt0JI2yHEIA7tc5jdaqN1W3m0jivUI
HSoK~Q44vASsdkoUB9V-
DkNifdBAXqTi~BFG5MTtk6dsSrwcsUchwbH14tkn0bB8giM8RMq4qJRaF4CtQJ4xm
YjmyRihLwPrbPHA__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 09
abr. 2021.

CARVALHO, Patrícia. **Livro-reportagem: um gênero jornalístico que vem atraindo cada vez mais pesquisadores na UFMA.** 2019. Disponível em: <https://portais.ufma.br/PortalUfma/paginas/noticias/noticia.jsf?id=54477>. Acesso em: 27 mar. 2021.

CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; OLTRAMARI, Leandro Castro. **Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer.** 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300009. Acesso em: 24 fev. 2021.

COSTA, Helouise. **Aprenda a ver as coisas: fotojornalismo e modernidade na revista O Cruzeiro.** 1992, 190 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes Visuais, São Paulo, 1992.

DA CUNHA, Euclides. **Os Sertões.** Brasil: Laemmert, 1902. 632 p.

DECARO, Frank; VILANCH, Bruce. **Drag: Combing Through the Big Wigs of Show Business.** Nova York: Rizzoli, 2019. 256 p.

DOONAN, Simon. **Drag: The Complete Story.** Londres: Laurence King Publishing, 2019. 256 p.

DURAND, Régis. **El tiempo de la imagen. Ensayo sobre las condiciones de una historia de las formas fotográficas.** Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 1998.

EDITORA DE PERNAMBUCO, Companhia. **Livro-reportagem: O fato revelado através da literatura**. CEPE, Brasil, p. Online, 30 jul. 2020. Disponível em: <https://www.cepe.com.br/noticias/livro-reportagem--o-fato-revelado-atraves-da-literatura>. Acesso em: 12 maio 2022.

FELITTI, Chico. "Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece". In: FELITTI, Chico. **"Fofão da Augusta? Quem me chama assim não me conhece"**. Online, 27 out. 2017. Disponível em: <https://www.buzzfeed.com/br/felitti/fofao-da-augusta-quem-me-chama-assim-nao-me-conhece>. Acesso em: 11 maio 2021.

HALL, Stuart. **Da diáspora - identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora Ufmg, 2003.

HARAZIM, Dorrit. **O instante certo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. Disponível em: Kindle. Acesso em: 11 mar. 2021.

KRAMER, Gregory. **Drags**. Nova York: Kmw Studio, 2017.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas : o livro-reportagem como extensão do jornalismo**. Campinas: Unicamp, 1995.

MARQUES, Alan. **A Máquina de Acelerar o Tempo. Conversas Sobre Fotojornalismo Contemporâneo**. Curitiba: Appris, 2016.

MONTEIRO, Charles. **História e Fotojornalismo: reflexões sobre o conceito e a pesquisa na área**. Revista Tempo e Argumento, Florianópolis, v. 8, n. 17, p. 64 - 89. jan./abr. 2016.

OLIVEIRA, Priscila Natividade Dias Santos. **Jornalismo Literário: como o livro-reportagem transforma um fato em história**. Salvador: Intercom, 2006. Disponível em: https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/36634785/R0717-1.pdf?1423922980=&response-content-disposition=inline%3B+filename%3DJornalismo_Literario_como_o_livro_report.pdf&Expires=1618013937&Signature=RJ6AWhxL9~TtxtjKFoYOWK4TewVO7C8CNL5p-

HuQmPIExl5q1nNJ0d45LIWWu6~zqAyITQj5ws8sC3ZQ4cd7qE0tA67DIIY6T9Di1qq
VAbJJlAlAY7SuRa2yF9oOAwjFrr8eHpYd6yJPKJiwpGX09TyEeTYTpZylbyDTRGJBc
dDPJg3wE6awlqQqIOW~WpPSmqJUp2irpYPdgJpaPWpATzT22kkUly9HbkNelje26z
Pd40LNstOJwBu3Yy7MsAQggUudfYTV1OuyU-
ZVmJc8w2B13E1d7IIfHVz1WQCNhRjaK7QTmt2vUyiO2zgyF8d8tUnokXw2Snelh2A
TZ2PeeAw__&Key-Pair-Id=APKAJLOHF5GGSLRBV4ZA. Acesso em: 09 abr. 2021.

PAGEANT. Direção de Ron Davis, Stewart Halpern-Fingerhut. Memphis: Cineaste Productions, 2008. (85 min.), son., color.

PARIS Is Burning. Direção de Jennie Livingston. 1991. Son., color. Legendado.

PIMENTEL, Evandro. **Como ser uma drag queen pode fazer de você um(a) profissional melhor.** 2018. Disponível em: <https://www.redbull.com/br-pt/drag-therapy>. Acesso em: 29 maio 2021.

PINHONI, Marina; REGADAS, Tatiana; LIMA, Thaís. **Drag queens: a história da arte por trás de homens vestidos de mulher.** G1: Pop e Arte, Online, p. Online, 6 out. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/drag-queens-a-historia-da-arte-por-tras-de-homens-vestidos-de-mulher.ghtml>. Acesso em: 12 maio 2022.

PELÚCIO, Larissa. *Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo Preventivo de AIDS.* São Paulo: Annablume, 2009.

SOUSA, João Pedro. **Fotojornalismo: Introdução à História, às Técnicas e a Linguagem de Fotografia na Imprensa.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

THE Queen. Direção de Frank Simon. Produção de Si Litvinoff, Lewis M. Allen, Don Herbert. Intérpretes: Flawless Sabrina. Nova York: Evergreen Film, 1968. (68 min.), son., color.

WIGSTOCK: The Movie. Direção de Barry Shils. Intérpretes: RuPaul, John Epperson, Debbie Harry. Manhattan: The Samuel Goldwyn Company, 1995. (85 min.), son., color.

VILAS-BOAS, Sergio. **A arte do Perfil**. 2014. Publicada originalmente no livro "Perfis – o Mundo dos Outros" (p.271-287). Disponível em: <https://www.sergiovilasboas.com.br/thinking/a-arte-do-perfil/>. Acesso em: 15 abr. 2021.

VOGLER, Christopher. **A Jornada do Escritor: Estrutura Mítica para Escritores**. São Paulo: Editora Aleph, 2015.

Apêndice 1 – DADOS

A jornada do herói inicia-se na vida cotidiana do protagonista, com o primeiro estágio se chamando Mundo Comum. É onde a apresentação da história e do herói será feita. Vogler explica em seu livro (2015, p.138) que, como muitas jornadas acabam levando o herói para Mundos Especiais, elas são iniciadas no Mundo Comum para termos uma base de comparação. Assim, o Mundo Especial só é especial por termos acesso a tal comparação. “O Mundo Comum é o contexto, a base e o histórico do herói” (2015, p.138). Outro fator essencial a ser apresentado no Estágio 1 é o primeiro comportamento do herói, que será marcante para definir e desvelar o personagem (2015, p.141).

O Estágio 2 é marcado pela apresentação da oportunidade para ir para o Mundo Especial – o que o faz tomar o nome de Chamado à Aventura. “Significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro do seio da sociedade para uma região desconhecida” (CAMPBELL, 2013, p.66). Para Vogler, o Chamado à Aventura “pode vir na forma de mensagem ou mensageiro” (2015, p.154), ou pode ser uma inquietação ou tentação que mexe com o psíquico do herói.

Seguindo o determinismo de Vogler, o Estágio 3 – Recusa ao Chamado – é uma consequência direta do segundo. Dessa forma, o herói rejeita a tarefa ou missão que lhe foi dada, podendo até listar razões para não completá-las. Para Vogler, isso acontece como “uma tentativa óbvia de atrasar o enfrentamento do destino inevitável” (2015, p.165).

O Estágio 4 – Encontro com o Mentor ou Auxílio Sobrenatural – é quando o herói “recebe os suprimentos, o conhecimento e a confiança indispensáveis para superar o medo e dar início à aventura” (VOGLER, 2015, p.173). É importante mencionar que Vogler aponta que a figura do Mentor nem sempre é um indivíduo físico, já que pode ser representado por um receptáculo de sabedoria e conhecimento. Para Campbell, o Mentor aparece como uma forma de “poder benigno e protetor do destino” (2013, p.76).

A Travessia do Primeiro Limiar é o Estágio 5. Nele, o herói irá enfrentar sua primeira adversidade. Nas palavras de Vogler, essa é a etapa que divide os dois mundos, tratando-se de um “ponto de virada” na narrativa. “Seu compromisso final é trazido por alguma força externa que muda o curso ou a intensidade da história” (VOGLER, 2015, p.186).

Já o Estágio 6 – Testes, Aliados, Inimigos – é marcado pela chegada do herói no Mundo Especial. Campbell descreve o lugar como “uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, no qual [o herói] deve sobreviver a uma sucessão de provas” (2013, p.102). Neste novo mundo, o herói irá passar por testes que o prepararão para futuros exames. Além disso, é o momento que o herói faz tanto aliados quanto inimigos, o que desencadeia uma série de acontecimentos perigosos.

A Aproximação da Caverna Secreta é o Estágio 7. É o momento que o herói deve se preparar para enfrentar a grande tarefa de sua jornada. “Quando os heróis aproximam-se dos portais de uma cidadela do Mundo Especial, podem parar para planejar, fazer o reconhecimento do inimigo, reorganizar ou refinar o grupo, fortificar-se e se armar e fumar o último cigarro antes de adentrar a terra de ninguém” (VOGLER, 2015, p.204).

O Estágio 8 – A Provação – é quando o herói deverá provar seu valor. Pode parecer como um momento difícil, mas o segredo da Provação é que o herói precisa morrer (nem sempre fisicamente) para poder renascer – algo aterrorizante para o herói, mas que muitas vezes é o único caminho para a vitória (VOGLER, 2015, p.219). “A Provação é o principal ponto nevrálgico da história. Muitos fios da história do herói levam a ela, e muitos fios de possibilidade e mudança conduzem dela para o outro lado” (VOGLER, 2015, p.219).

Já o Estágio 9 é conhecido como Recompensa ou A Benção Última. Novamente, seguindo o determinismo de Vogler, o momento que o herói vai enfrentar as consequências do estágio anterior – nesse caso, ter sobrevivido. Também é um momento de triunfo, onde o herói encontra o que estava procurando.

O Caminho de Volta é o Estágio 10, e é marcado por quando “os heróis voltam a se dedicar à aventura” (VOGLER, 2015, p.255). Dessa forma, o herói deverá voltar ao Mundo Comum e implementar o que aprendeu no Mundo Especial.

A Ressurreição é o Estágio 11 e o momento mais desafiador para o herói. É o momento que o herói tem o último contato com a morte, sendo esse o clímax da história. Vogler explica que “a ameaça não é feita somente ao herói, mas ao mundo inteiro. Em outras palavras, as apostas são as mais altas” (2015, p.266). Para Campbell, é quando o herói se torna confortável e competente em seu mundo interno e externo (2013, p.230).

O Estágio 12 é o Retorno com o Elixir. É o momento feliz que o herói supera todos os seus obstáculos e sobrevive à morte e retorna novamente ao seu ponto de partida.

Apêndice 2



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, MITCHELL CUTMORE, portador do RG N° V726941-I e CPF N° 237.016.188-44, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 25 de março de 2022.

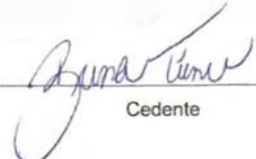
Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

Apêndice 3 – DADOS



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO	
Eu, <u>Bruno Timo Alves Passoguchi</u> , portador do RG N° <u>38449034-7</u> e CPF N° <u>473220688-31</u> , autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.	
Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.	
São Paulo, <u>19</u> de <u>novembro</u> de <u>2021</u> .	
 Cedente	
Pai ou responsável (se for o caso)	
Testemunhas: _____ _____	

Apêndice 4 – DADOS



AUTORIZAÇÃO PARA CESSÃO DE USO DE IMAGEM E ÁUDIO

Eu, Aracely Nicolau da Silva Genesim, portador do RG N° 33.326.942-X e CPF N° 356.713.398-55, autorizo, prévia e expressamente, o uso de minha imagem e voz, bem como cedo os seus efeitos patrimoniais, nos termos do artigo 11 do Código Civil, para o Instituto Presbiteriano Mackenzie e para a Universidade Presbiteriana Mackenzie, sem qualquer custo, por tempo indeterminado, para utilização – sem fins lucrativos – em arquivos físicos e online, seja para consultas acadêmicas ou reproduções; em programas da TV Mackenzie; em programas de outras emissoras; e em demais veículos de comunicação, sejam eles eletrônicos ou impressos, desde que respeitem a finalidade educacional do trabalho para o qual assino esta autorização.

Para que surta os efeitos legais e estando de pleno acordo com esta autorização, firmo a presente, juntamente com duas testemunhas.

São Paulo, 28 de Setembro de 2022.


Cedente

Pai ou responsável (se for o caso)

Testemunhas:

